

# Perspectivas Etimológicas Sobre a Verdade e Suas Relações com as Fake News

Maria Lívia Pachêco de Oliveira

**Como citar:** OLIVEIRA, Maria Lívia Pachêco de. Perspectivas Etimológicas Sobre a Verdade e Suas Relações com as Fake News. *In:* ALMEIDA, Carlos Cândido de; VITTI-RODRIGUES, Mariana (org.). **Estudos pluridisciplinares da informação:** ciência da informação, ética e linguagem. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 173-192. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-635-0.p173-192>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PARTE II

**INFORMAÇÃO,  
ÉTICA INFORMACIONAL E  
FAKE NEWS**



5

**PERSPECTIVAS ETIMOLÓGICAS  
SOBRE A VERDADE E SUAS  
RELAÇÕES COM AS FAKE NEWS**

*ETYMOLOGICAL PERSPECTIVES ON  
TRUTH AND ITS RELATIONSHIP  
WITH FAKE NEWS*

*Maria Livia Pachêco de OLIVEIRA*

*UFPB*

*maria.livia@academico.ufpb.br*

*<https://orcid.org/0000-0003-2945-7656>*

**Resumo:** O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e a formação de novas redes de relacionamento impactam as dinâmicas dos fenômenos informacionais, como é o caso das fake news. Apesar da disseminação de notícias falsas estar presente na história da humanidade, os recursos tecnológicos atuais em conjunto com as mudanças sociais têm alterado o poder de influência das fake news. Para contribuir com o debate, realiza-se uma discussão sobre as origens etimológicas do termo verdade, reunindo as três concepções mais influentes para o significado ocidental do que se entende por verdade. Ao analisar as definições etimológicas, elabora-se uma análise de como tais fundamentos da verdade estão presentes nas notícias falsas, em uma tentativa de destacar elementos danosos utilizados de forma a gerar um simulacro da verdade. Os achados indicam que o excesso de evidência e de confiança devem ser explorados em torno de iniciativas de contenção das fake news.

**Palavras-chave:** Fake News; Verdade; Etimologia; Desinformação; Competência em informação.

**Abstract:** The development of information and communication technologies and the formation of new social networks have affected the dynamics of information phenomena, such as fake news. Although the dissemination of fake news has been present in human history, current technological resources along with social changes have altered the influential power of fake news. To contribute to this debate, a discussion is held on the etymological origins of the term truth, bringing together the three most influential conceptions of what is meant by truth in the West. By analyzing the etymological definitions, an analysis is made of how these foundations of truth are present in fake news, in an attempt to highlight harmful elements used to generate a simulacrum of truth. These findings indicate that the excess of evidence and trust should be explored in initiatives to prevent fake news.

**Keywords:** Fake News; Truth; Etymology; Disinformation; Information competence.

## **1 INTRODUÇÃO**

A preocupação em torno da capacidade de lidar com o volume informacional, e sobre os desdobramentos sociais das relações humanas em decorrência do excesso de informação, tem sido uma discussão permanente entre diversas áreas do saber. Isto porque os fenômenos informacionais são capazes de alterar as dinâmicas sociais em duas direções distintas: tanto é possível que tais fenômenos possam fomentar a construção e a partilha do conhecimento com vias ao progresso social, quanto podem se tornar força motriz na geração da desordem e do caos social.

Dentre tais fenômenos, destaca-se a desinformação, que significa “[...] uma informação falsa, enganosa e/ou imprecisa, que pode ser criada propositalmente com prejuízo a alguém [...]” (Moura; Furtado; Beluzzo, 2019, p. 38). Nessa mesma linha, Fallis (2015) afirma que a desinformação se caracteriza como informação do tipo enganosa e deliberadamente assim constituída. Dentre as possibilidades de formatação da desinformação, tem-se a circulação de informação em um simulacro de notícias jornalísticas e similares, nomeada de *fake news*. Além da necessidade preeminente do uso da informação e da comunicação para a manutenção das redes de relacionamentos que formam a tessitura social, há um interesse genuíno entre os indivíduos de receber, elaborar e partilhar informações sobre o mundo e seus elementos, sejam eles concretos ou abstratos. Para tal, compartilha-se informações obtidas por meio da experiência, da observação, da reprodução de discursos ou até mesmo da imaginação. Possuir informação torna-se uma necessidade humana, tanto por ser um meio que conecta o mundo tangível ao mundo conceitual, quanto por satisfazer o intrínseco desejo humano da busca por novos saberes.

Nesta movimentação da informação, não há limite para a quantidade de combinações possíveis entre fatos, dados, opiniões, pensamentos, mentiras, distorções, entre outros. Quando tratamos sobre boatos e rumores, é possível observar que suas estruturas não são baseadas apenas em mentiras e falsidades, mas também no acesso e na exposição de informações pessoais e sigilosas que estão ligadas a dinâmicas de poder. Isto pode ter repercussões não apenas em termos de moralidade e dignidade humana, mas também em relações políticas e econômicas.

No que tange às especificidades da linguagem humana, ressalta-se que, para além da capacidade de transmitir informações sobre o mundo concreto, a aptidão em falar sobre coisas, entidades e ideias é a característica mais marcante desta linguagem (Harari, 2015). A habilidade de criar narrativas fictícias, acreditar em lendas, deuses e mitos contribui para a formação de imaginários coletivos e para a disseminação de informações específicas, promovendo crenças compartilhadas pertinentes para determinadas comunidades.

A formação de redes de narrativas é comumente identificada como ficções, construções sociais ou realidades imaginadas. A realidade imaginada não é uma mentira, pois ela “[...] é algo em que todo mundo acredita e, enquanto essa crença partilhada persiste, a realidade imaginada exerce influência no mundo.” (Harari, 2015, p. 38). Todavia, a realidade imaginada também pode não ser verdadeira em termos factuais e lógicos, e isto permite que a informação esteja em uma zona de suspeição, afastando a possibilidade de uma classificação dual entre verdade e mentira.

É neste conjunto de conceitos que debatemos o fenômeno das *fake news*. Pretende-se estabelecer uma discussão que permita entender, em nível inicial, como as concepções etimológicas do termo “verdade” afetam as problemáticas em torno das notícias falsas. Sugere-se que a base que fundamenta a ideia da verdade deve ser explorada como elemento importante na discussão das *fake news*, visto que as características que forjam o conceito de verdade podem servir como elementos ambíguos, tornando a incumbência da identificação da mentira, do erro, da falsidade e da distorção em uma tarefa complexa que requer frentes de intervenção especializadas.

Há um extenso espaço de observação entre a dicotomia verdade/mentira, em que se reconhece a impossibilidade do oposto de uma das partes significar exatamente a outra. Explorar tais conceitos é um esforço teórico em torno do fenômeno informacional das *fake news* e da desinformação como um todo, pois visa apreender as características que fortalecem e mantêm as notícias falsas em evidência.

## 2 EXPLORANDO A ETIMOLOGIA DO TERMO VERDADE

O entendimento da verdade move filósofos e suas correntes teóricas em busca da compreensão das questões humanas, sendo este um problema primário a partir do qual outras discussões podem ser contempladas. Pensar a verdade requer considerar fatores objetivos e subjetivos presentes em dinâmicas culturais, sociais e emocionais. Compreender a etimologia da palavra “verdade” é uma oportunidade para perceber as dificuldades relacionadas à informação quando se pretende classificá-la na dicotomia verdadeiro/falso.

A compreensão da verdade na tradição ocidental é derivada de três concepções principais, originárias do grego, do latim e do hebraico. A primeira origem etimológica da verdade remonta à língua grega:

Em grego, verdade se diz *aletheia*, significando: não-oculto, não-escondido, não dissimulado. O verdadeiro é o que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito; a verdade é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. O verdadeiro se opõe ao falso, *pseudos*, que é o encoberto, o escondido, o dissimulado, o que parece ser e não é como parece. O verdadeiro é o evidente ou o plenamente visível para a razão. (Chauí, 2000, p. 123).

Na concepção grega, a verdade reside nas coisas, na maneira como elas são apresentadas e na forma como podem ser examinadas pela razão. O que se contradiz a isto é considerado falso, oculto e não sujeito à verificação. O legado desse conceito de verdade é a exigência de concretude: algo é verdadeiro porque se apresenta como tal; é verdadeiro porque a evidência física confirma sua veracidade; é verdadeiro porque todas as partes estão reveladas e não há necessidade de justificativas adicionais.

Quando a concepção de verdade derivada da *aletheia* predomina, a evidência se torna elemento central na determinação da verdade, fundamentada em uma lógica racional da realidade, assim, “uma ideia é verdadeira quando corresponde à coisa que é seu conteúdo e que existe fora de nosso espírito ou de nosso pensamento” (Chauí, 2000, p. 124). Reconhece-se que a evidência é a principal qualidade da verdade *aletheia*, um princípio profundamente enraizado na cultura ocidental.

A segunda origem etimológica provém do latim, apresentando uma característica distinta daquela encontrada no grego.

Em latim, verdade se diz *veritas* e se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato, no qual se diz com detalhes, pormenores e fidelidade o que aconteceu. Verdadeiro se refere, portanto, à linguagem enquanto narrativa de fatos acontecidos, refere-se a enunciados que dizem fielmente as coisas tais como foram ou aconteceram. Um relato é veraz ou dotado de veracidade quando a linguagem enuncia os fatos reais. (Chauí, 2000, p. 123).

A linguagem influencia a verdade, posto que a precisão não está nas próprias coisas, como na *aletheia*, mas sim no relato, no discurso e na narrativa. A veracidade do relato é alcançada quando a linguagem ordena os eventos, encadeando-os de forma lógica à razão, especialmente quando se trata de eventos passados ou observações feitas após o fenômeno em questão. A verdade se fundamenta na coerência da sequência de informações, fatos e situações. Ao passo que *aletheia* preza pela evidência, buscando a transparência das coisas como elas se apresentam, *veritas* constrói sua verdade na lógica argumentativa, enunciando de modo a expressar a verdade (Chauí, 2000).

Por fim, a terceira origem etimológica da verdade aqui estudada é hebraica, chamada de *emunah*.

Em hebraico verdade se diz *emunah* e significa confiança. Agora são as pessoas e é Deus quem são verdadeiros. Um Deus verdadeiro ou um amigo verdadeiro são aqueles que cumprem o que prometem, são fiéis à palavra dada ou a um pacto feito; enfim, não traem a confiança. (Chauí, 2000, p. 123).

A verdade é pautada na confiança em uma primeira instância, podendo ser mais considerada que os próprios fatos (como em *aletheia*) ou na narrativa que a expressa (na concepção de *veritas*). A confiança em uma autoridade superior pode ser suficiente para determinar a verdade, seja essa autoridade encontrada na fé religiosa, no carisma de líderes influentes ou na confiança em um amigo. As convenções universais ilustram a prevalên-

cia de *emunah*, como os acordos científicos que estabelecem a validade de um fenômeno dentro de um conjunto de conceitos e regras universalmente reconhecidas. Assim, verdade em *emunah* é fundamentada no consenso estabelecido por autoridades reconhecidas em um determinado grupo (Chauí, 2000).

Reunindo as três origens etimológicas apresentadas, o entendimento do termo verdade é uma síntese destas três concepções. Como afirma Chauí (2000, p. 124): “*Aletheia* se refere ao que as coisas são; *veritas* se refere aos fatos que foram; *emunah* se refere às ações e às coisas que serão.” A verdade é formada pelos critérios de realidade (*aletheia*), linguagem (*veritas*) e confiança (*emunah*).

Chauí (2000) acrescenta a este apanhado de definições a teoria pragmática, em que a verdade é determinada por critérios práticos. Resultados e aplicações práticas são verificadas na experiência, isto é, a verdade pragmática necessita da verificabilidade dos seus resultados. Esta perspectiva se aproxima da *aletheia*, tendo como adicional a necessidade de constatação factual, pois, partindo desta concepção da verdade, as coisas são passíveis de experimentação, essência esta do pragmatismo.

Já *veritas* e *emunah* se aproximam por meio da coerência dos enunciados, sendo possível chegar a consensos. As concepções fundantes sobre a verdade são diferentes, mas podem corroborar entre si (*aletheia/pragmatismo* e *veritas/emunah*) ou se contraporem (*aletheia/pragmatismo* ou *veritas/emunah*).

Sintetizando as concepções apresentadas, Chauí (2000, p. 125) afirma:

Na primeira teoria (*aletheia*/correspondência), as coisas e as ideias são consideradas verdadeiras ou falsas; na segunda (*veritas*/coerência) e na terceira (*emunah*/consenso), os enunciados, os argumentos e as ideias é que são julgados verdadeiros ou falsos; na quarta (pragmática), são os resultados que recebem a denominação de verdadeiros ou falsos.

Refletir sobre as origens etimológicas da verdade permite que os elementos identificados como essenciais em cada vertente possam servir de base para a análise das características que consolidam o entendimento coletivo sobre o que é verdade. Também, pode-se analisar como as *fake news* utilizam dessas mesmas perspectivas para construir “verdades alternativas”, expressão esta, inclusive, utilizada para validar distorções e opiniões infundadas.

Sintetizando os conceitos, tem-se as seguintes possibilidades: a verdade é passível de constatação; a verdade é validada pela ciência; a verdade leva à transparência e a lucidez; a verdade é produzida pela natureza; a verdade é o que se crê e o que se experimenta. A oposição de tudo isto descreve as características que remetem à mentira: falta de dados, evidências ou experimentos; não é autêntico nem genuíno, não contribui para a transparência ou clareza. Todavia, no mesmo raciocínio sobre a verdade, a mentira pode representar o que se acredita, considerando crenças pessoais e experiências de vida.

A intersecção entre verdade e mentira também ocorre no domínio das ideias, dos sentimentos e das emoções. É nesse lugar que a desinformação, a mentira e as *fake news* podem assumir proporções universais. Embora seja viável categorizar fatos com base em valores, não é possível classificar crenças, emoções e sentimentos usando os mesmos métodos e rótulos.

Chauí (2000) aponta três opostos à verdade: a ignorância, a incerteza e a insegurança. A ignorância reside no completo desconhecido, em que não há consciência da ausência do conhecimento de algo, devido à sua incompreensão total ou à falta de percepção de sua existência. As crenças pessoais e coletivas são responsáveis por manter tal estado de ignorância, sendo úteis em desempenhar uma função de preservação da ordem. A incerteza vai além da ignorância, pois traz consigo dúvida e desconfiança, manifestando-se como um estado de hesitação diante do que antes era considerado verdadeiro ou do que foi recém-descoberto pela ausência de ignorância. A condição seguinte é a insegurança. Quando confrontados com a percepção de que o conhecimento e a experiência acumulada não são suficientes para satisfazer uma nova necessidade de entendimento, os

indivíduos são lançados em um estado de insegurança tão profunda que desperta a vontade de retornar à estabilidade, buscando sentir-se menos incertos e mais próximos da verdade.

A aspiração por transcender a incerteza representa a busca pela verdade. Essa “vontade de verdade<sup>1</sup>” (Camargo, 2008) persiste no ser humano ao longo de toda a vida, em uma incessante necessidade de discernir entre o que é verdadeiro e o que não é, relativizando o que é percebido como real e o que é imaginário.

Desde a infância, as distinções feitas pelas crianças entre “a mentira” e “de mentira” sugerem que elas conseguem discernir que “de mentira” refere-se a uma “realidade imaginada”, um mundo de criações, que é distinto de “a mentira”, a qual envolve uma violação séria da confiança e da segurança em relação aos seus pontos de referência de verdade. Fatalmente, as pessoas se deparam com situações de decepção enquanto tentam distinguir a verdade da mentira, o que as coloca em um estado de busca pela verdade (Chauí, 2000).

A decepção, a incerteza e a insegurança são estados inerentes ao desejo de conhecer. Sem essas instabilidades, o indivíduo conservar-se-ia em um estado de certeza, independentemente de corresponder (ou não) a algum tipo de verdade. Chauí (2000) enfatiza que uma das maiores dificuldades na busca da verdade é paradoxalmente um elemento que deveria ser um aliado: a informação. O excesso de informação é um fator que neutraliza o processo de busca pela verdade, já que a tendência natural do indivíduo é assumir que a informação é intrinsecamente legítima e verdadeira. Vale ressaltar que a autora fez essa observação há mais de vinte anos, antes da presença significativa da internet na comunicação em massa.

Ao considerar o contexto atual, podemos fortalecer a tese de Chauí (2000), ajustando-a para incluir as dimensões da realidade virtual, da comunicação instantânea e da multiplicidade de atores sociais que desempenham papéis simultâneos como produtores, disseminadores e espectadores da informação. É importante notar a dificuldade do indivíduo em dedicar

---

<sup>1</sup> Segundo Camargo (2008, p. 95), Nietzsche entende que a “vontade de verdade” decorre de uma “vontade de engano”. A vontade de engano seria a necessidade de se alçar um determinado valor à categoria de verdade para fazê-lo mais forte e mais poderoso a fim de que se possa acreditar nele.

tempo para verificar e comparar diferentes fontes de informação, tornando-o vulnerável à desinformação, mesmo quando a fonte é um especialista ou uma autoridade reconhecida.

Apesar dos desafios enfrentados na busca pela verdade, ou mesmo na prévia intenção de iniciar esse processo, os problemas informacionais podem ativar uma força contrária à apatia. Isso pode levar o indivíduo a agir com obstinação, contestação e demandar explicações, sentindo liberdade para buscar o conhecimento. Essa segunda forma de busca da verdade, que não surge necessariamente da frustração ou decepção, é a busca da verdade na atitude filosófica (Chauí, 2000).

Assim, o sujeito necessita passar pelas situações de decepção<sup>2</sup>, incerteza<sup>3</sup> e insegurança<sup>4</sup> para que sua vontade pela verdade seja despertada. Na abordagem filosófica, a busca pela verdade transcende a supressão da incerteza; envolve também questionar as próprias verdades estabelecidas, tornando-se assim um processo que requer um alto nível de criticidade. Pode-se afirmar que não há possibilidade de um estado de verdade permanente, uma vez que a percepção humana é influenciada pelas experiências individuais, e, portanto, está sujeita a mudanças.

No entanto, é importante reforçar que o erro, a mentira e a falsidade não precisam, necessariamente, substituir uma verdade em suspeição. Quando se questiona ou debate uma verdade estabelecida, não é prudente apressar-se para substituí-la por uma “nova” verdade, pois isso pode resultar igualmente em erro, falsidade e engano, especialmente se a substituição for baseada em uma percepção superficial.

Movidas pelo anseio por “liberdade de expressão”, “democracia” e “participação social”, ou ainda, pela “vontade da verdade”, conforme Nietzsche (1888), as pessoas têm buscado ocupar espaços de fala, assumindo papéis de autoridade, na tentativa de satisfazer o desejo de per-

---

<sup>2</sup> Decepção, no sentido aqui referido, diz respeito a uma frustração em relação ao que se tinha como verdade instituída, e que, em algum momento, a mesma não mais se confirmou.

<sup>3</sup> A incerteza se assemelha a um estado de dúvida, momento este em que se racionaliza a necessidade de reafirmar ou contestar uma determinada verdade.

<sup>4</sup> A insegurança desperta a busca por evidências, provas e novos discursos possíveis para que o estado de segurança na verdade seja reestabelecido.

tencimento à sociedade como um todo (ainda que de forma superficial), ecoando discursos que repetem seus próprios pontos de vista, muitas vezes sem verificar as informações ou questionar a “verdade” que individualmente construíram, situada em um contexto específico, diferente daquele em que é aceita.

### **3 AS CARACTERÍSTICAS FUNDANTES DO TERMO VERDADE E SUAS RELAÇÕES COM AS *FAKE NEWS***

Ao considerar a necessidade das práticas informacionais para a construção e manutenção de redes de informação que sustentam a tessitura social, admite-se a pluralidade de formas e interlocutores em que tais práticas estão implicadas. Neste sentido, o fator da desordem da informação (Wardle; Derakhshan, 2017) aparece como um elemento desafiador, sobretudo nos espaços virtuais. Participar das práticas informacionais é uma necessidade e também um desejo dos indivíduos, visto seu intrínseco anseio de atuação social.

Partindo do letramento básico até as mais complexas habilidades para o trato da informação, muitos são os obstáculos para o sujeito, desde as questões de desigualdade social que o impede de participar efetivamente dos processos coletivos que envolvem a informação, até a dificuldade que surge a partir do excesso informacional, entre elas a desinformação. Esta, atualmente personificada e atuante através das *fake news*, torna ainda mais inatingível o objetivo de que a informação seja um elemento de desenvolvimento humano e social.

Dentre muitas definições possíveis, sintetiza-se as *fake news* como um tipo de informação elaborada com o intuito de ludibriar, enganar, contradizer e confundir, geralmente estruturadas em um simulacro de informação jornalística, como as notícias. Elas são consideradas um tipo de desinformação, e diferenciam-se de gêneros como sátiras, charges, paródias e outras manifestações pautadas no humor ou na ironia. O impacto das *fake news* consiste em sua rápida propagação, sua produção desafixada de um ponto central e da dificuldade em identificar sua ilegitimidade (Oliveira, 2020).

Os esforços para a identificação e contenção das *fake news* exige a reunião de várias frentes de atuação, desde as soluções tecnológicas quanto às punitivas, com o estabelecimento de leis e penas. Contudo, reconhece-se que é necessário pensar em contrapartidas em longo prazo, que envolvam uma mudança comportamental dos sujeitos em torno do excesso informacional. As modificações nos currículos acadêmicos são exemplos de atitudes concretas em torno dos fenômenos informacionais.

Na ciência da informação e áreas afins, as habilidades para o manejo da informação são tratadas pelo conceito de competência em informação, que representa o “[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessárias à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.” (Dudziak, 2008, p. 143). As pesquisas sobre competência em informação, abordando suas dimensões e características, têm como objetivo entender as habilidades necessárias para que os indivíduos ajam de forma autônoma no ambiente da informação. A competência em informação deriva do termo central *information literacy*, que de acordo com a *American Library Association (ALA)*<sup>5</sup> é um conjunto de habilidades que demanda dos indivíduos a capacidade de reconhecer quando a informação é necessária e ter a competência de localizar, avaliar e utilizar as informações necessárias de maneira eficaz (ALA, 2020).

Atualmente, não basta possuir um nível moderado de competência em informação para detectar notícias falsas produzidas com alta qualidade técnica. Identificar fontes e verificar referências antes de conferir credibilidade à informação tornou-se uma tarefa desafiadora. A disseminação de informações falsas bem elaboradas é acompanhada por uma rede de desinformação, incluindo o uso de sites enganosos, imagens manipuladas, autores e instituições respeitáveis usados como recurso de autoridade para enganar o leitor (Oliveira, 2020).

---

<sup>5</sup> A *American Library Association (ALA)* é um grupo que promove internacionalmente as bibliotecas e a educação literária. É a maior e mais antiga organização do gênero no mundo inteiro, com mais de 64.600 membros. Foi fundada em 1876 em Filadélfia e registrada em 1879 em Massachusetts. A sua sede é atualmente em Chicago.

Os indivíduos estão desafiados a transitar entre inúmeras possibilidades de fontes de informação, que se apresentam em uma variedade de formas. Essa capacidade de discernimento refere-se a um conjunto de habilidades que permitem ao sujeito compreender, pelo menos de forma básica, os processos de criação, distribuição e reformulação da informação, o que é conhecido como atuação autônoma para o trato com a informação. Entretanto, essa autonomia não deve ser interpretada como individualismo; é fundamental destacar a importância da capacidade de cooperação entre os indivíduos e da construção colaborativa da informação.

A autonomia que se entende como necessária para o uso da informação em contextos complexos liga-se ao conceito de protagonismo social a que se refere Gomes (2019). Trata-se de uma resposta à desinformação e à disseminação de informações falsas; não há solução para esses problemas que não envolva a necessidade de criticar, contextualizar e reinterpretar as “verdades” que circulam, em um esforço coletivo para superar as injustiças sociais, a alienação e a manipulação em massa por meio da (des) informação.

Além de considerar a complexidade do desenvolvimento de competência em informação e de outras habilidades intelectuais, aponta-se, também, que o próprio senso comum, reforçado culturalmente pelas trocas interpessoais e pelo sistema educacional, possui força de atuação na concepção do que é verdadeiro e falso. Desse modo, relaciona-se as três origens etimológicas aqui apresentadas com algumas características encontradas nas *fake news*.

Quando se examina a verdade em *aletheia*, percebe-se que a evidência é a sua base. Em uma rápida análise, seria possível concluir que a evidência é indispensável para a análise de uma determinada situação, todavia, a evidência em excesso é um complicador para a manifestação de um pensamento crítico por meio do estado de dúvida (Bezerra; Scheneider; Brisola, 2017). O ato de duvidar, no sentido de estabelecer um momento reflexivo diante das evidências expostas, permite que o sujeito inicie um ciclo de questionamentos, expondo suas necessidades informacionais que serão úteis para se chegar a uma nova ideia, em um movimento relativamente autônomo diante da informação.

Considerando isto, o excesso de evidência pode se tornar um impeditivo para a autonomia, visto que quanto mais elaborada for a evidência, menor será a intensidade do questionamento e da busca investigativa, e conseqüentemente, da instauração da dúvida. Assim, as pessoas passam a atuar com menor grau de autonomia, visto que tudo que se julga necessário já está posto, sendo este um lugar propício para manipulações de dados e informações, tornando mais fácil a inserção da desinformação.

As notícias falsas frequentemente são apresentadas com um alto nível de evidência, utilizando elementos como imagens, vídeos, áudios, referências a leis e declarações de autoridades, entre outros. Esses elementos, devido à sua aparência de veracidade, muitas vezes dificultam a instauração do estado de dúvida. Como resultado, a evidência tem sido cada vez mais uma informação que não provoca ação crítica por parte do indivíduo, mas sim o impulsiona a compartilhar a mesma, acreditando estar contribuindo para o debate coletivo como um cidadão consciente.

Em se tratando da verdade advinda do termo *veritas*, a precisão de um relato, com uma a narração detalhada de um acontecimento, interfere no grau de veracidade sobre determinado fato. A coesão interna dos fatos narrados pode ser realizada de modo a preencher as lacunas formadas pelos questionamentos básicos, a saber, questões sobre os sujeitos envolvidos, o tempo, o lugar, as circunstâncias, etc. Pode-se ter como exemplo, uma versão dada a partir de uma observação sobre um acontecimento qualquer. Quanto mais coesão e coerência linguística, somadas à argumentação de ideias, mais provável que este relato pareça ser uma espécie de tradutor da verdade.

A linguagem se torna uma influente ferramenta para descrever a “verdade”, e a “realidade”, visto que o uso de uma coerência lógica da narração dos fatos faz com que se deixe de questionar detalhes, ou que se ignore episódios alheios que não se adequam à narrativa. Uma síntese bem construída, especialmente quando se utiliza a linguagem apropriada a determinado caso – como a linguagem técnica, faz com que o interlocutor se sinta convencido do fato contado. Durante crises sociais, como a mais recente pandemia mundial enfrentada entre 2019 e 2022, muitas *fake news* circularam em simulacro de artigos científicos, estudos e similares,

demonstrando o poder da linguagem bem articulada na propagação das *fake news*.

As sínteses prontas, sejam elas narradas textual ou verbalmente, também reduzem a capacidade crítica e a instauração da dúvida, ainda mais quando tais narrativas sofrem “recortes”, são descontextualizadas ou conectadas com outros assuntos dos quais não foram originalmente conectadas.

Considerando que as *fake news* são, em geral, motivadas por emoções, crenças pessoais e teses aceitas coletivamente, retornamos ao sentido em *emunah* para tecer algumas colaborações. *Emunah* remete à confiança instituída no outro, visto que este apresenta características ou *status* que por si só representa fidelidade, confiança e segurança. Dá-se tal confiança a partir dos papéis estabelecidos nas relações, como na força dos líderes políticos ou sobre entidades abstratas presentes em crenças religiosas. Porém, em uma perspectiva particular, tal confiança pode ser conferida a um amigo, um professor, ou a alguém em que deposita admiração e respeito.

A verdade em *emunah* lida com sentimentos, emoções e percepções. O papel do outro é fundamental enquanto um porta-voz da verdade, ou um mediador confiável da mesma. Nisto, substitui-se facilmente evidências e narrativas, como em *aletheia* e *veritas*. *Emunah* possui um viés de fé, de convicção e de esperança na verdade. Nota-se que este componente pode tanto ser válido para reforçar evidências e narrativas consideradas honestas, como pode se sobressair contrariamente diante de fatos comprovados, levando ao descrédito instituições renomadas, como à ciência.

Ao reunir as características da verdade em *aletheia*, *veritas* e *emunah*, pode-se presumir quanto a concepção de verdade ocidental é multifacetada. Envolve uma combinação de fatores capazes de relativizar os fatos mesmo diante de verdades universalmente aceitas. Por um lado, tais características são oportunas quando utilizadas em prol do desejo de conhecer, como um incentivo à busca pelo conhecimento. Em contrapartida, tais componentes fundantes do conceito de verdade podem ser explorados contrariamente a ela.

Ao compreender a lógica que fundamenta a verdade, permite-se que as informações falsas, a mentira e a desinformação como um todo, sejam expostas de modo a se assemelhem à verdade. As características apresen-

tadas nas três origens do termo verdade podem ser combinadas em graus diferenciados, para atingir com mais eficácia determinado grupo.

Onde houver baixo letramento e competência informacional, *emunah* certamente será considerada em primeira instância. Considerando a dificuldade de decodificar e de analisar informação, apela-se para a fé no outro, na confiança estabelecida previamente e que fortalece os vínculos entre os sujeitos. *Emunah* repousa na segurança gerada em algo que se diz honesto, digno e confiante.

*Aletheia* é bem explorada em evidências que não exigem espaço para questionamentos, como as imagens, sejam elas descontextualizadas, alteradas ou construídas, especialmente sob o uso de inteligência artificial. O crivo da razão é substituído pela força semântica da imagem, da síntese posta com rapidez e alto impacto. Já *veritas* pode fundamentar uma explicação que aparentemente faz sentido, e quanto mais recursos e argumentos, menos se pensará em reunir novas informações. *Veritas* é capaz de ludibriar o sujeito em uma falsa sensação de aprofundamento e de criticismo, preenchendo a lacuna da incerteza pautada numa racionalização vazia e falsa.

*Fake news* elaboradas com alto grau de conhecimento de tais fatores, muitas vezes combinando todos eles, dificultam o acesso à decepção, à incerteza e à insegurança, elementos estes que estimulam a busca pela verdade. Quanto mais se conhece sobre a verdade, mais recursos podem ser explorados em prol da desinformação.

Adiciona-se a isto elementos que definem a sociedade contemporânea considerada pós-moderna, como a tendência à desconfiança nas instituições, o individualismo acentuado e o hedonismo, a fragmentação do tempo e do espaço e o excesso de relativismo. Essas motivações são enraizadas na cultura específica de cada sociedade, sujeitas a uma rápida avaliação lógica pelos indivíduos, com base em suas experiências passadas e no contexto particular e coletivo em que estão inseridos.

O reconhecimento de tais características torna-se oportuno para a reflexão sobre possibilidades de intervenção sobre as *fake news*. Destaca-se que um único método de checagem de fatos, por exemplo, dificilmente

será capaz de intervir em termos tão complexos descritos nas três vertentes etimológicas da verdade apresentadas no texto.

De igual modo, as barreiras tecnológicas criadas tendem a estar em descompasso com a quantidade de inovação em inteligência artificial; isto impulsiona os métodos punitivos de combate às *fake news*, os quais têm dilemas éticos a percorrer. Afastando-se desta visão pouco otimista, acredita-se que a via educativa desponta como uma espécie de solução adaptativa, que embora requeira tempo, deverá ser capaz de contornar o fenômeno *das fake news* e outros mais advindos da desinformação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As *fake news* não se resumem a mentiras que desaparecem quando os dados e as evidências são verificadas. Elas têm o poder de influenciar mobilizações sociais, estimular aglomerações, instigar sentimentos de medo e caos social, bem como difamar, caluniar e destruir reputações, e, em casos extremos, mas não raros, podem incitar ações criminosas. Este fenômeno tem fundamento em questões emocionais e afetivas, e ganham forma e impulso nas redes sociais, tornando-se difícil de ser combatido.

Opiniões formadas com base em experiências individuais podem ser consideradas como informação relevante, criando uma disparidade entre a divulgação de informações de qualidade, embasadas em fatos, pesquisas e dados, e a divulgação apenas para expressar opiniões pessoais e ser validado por outros com pontos de vista semelhantes. Isso evidencia ainda mais a urgência no desenvolvimento de competências em informação e na promoção de um discurso mais profundo sobre como desenvolver tais habilidades para além dos ambientes educacionais formais (Oliveira, 2020).

Os elementos recorrentes que legitimam informações falsas variam em termos de manipulação e sofisticação, podendo ser facilmente identificados em algumas situações e exigir expertise técnica em outras. No entanto, simplesmente identificar esses elementos não é o bastante para conter a disseminação de desinformação, pois geralmente estão inseridos em uma estrutura complexa de outros dados que não se baseiam na verdade, mas

que, deliberadamente, utilizam os princípios fundamentais do conceito de verdade em sua construção.

O desejo das pessoas de participar ativamente das redes de informação, especialmente como produtores e disseminadores de conteúdo, é um sinal promissor para a criação de uma cultura de colaboração e engajamento social. Embora isso não seja novo para os campos da informação e comunicação, quando visto em relação às *fake news*, requer uma análise mais criteriosa de novos elementos cruciais, especialmente na complexa interação entre informação, competência e protagonismo.

Com base na literatura examinada, destaca-se a importância de dois elementos atuantes na propagação das *fake news*: o excesso de evidência e o excesso de confiança. À primeira vista, o excesso de evidências pode parecer ser benéfico para a verificação da informação, proporcionando uma sensação de maior precisão e profundidade. Isso porque, quanto mais dados disponíveis, mais detalhada e esclarecedora a informação aparenta ser, eliminando dúvidas e abordando minúcias.

Em casos de informações mal estruturadas, típicas de *fake news*, com erros evidentes e falhas perceptíveis até mesmo para pessoas minimamente alfabetizadas em diferentes áreas, a falta de evidência é um indicador de alerta para questionamentos. No entanto, os formatos de desinformação têm se tornado cada vez mais complexos, e esses, justamente, são reforçados por uma variedade de evidências, o que reduz a disposição do indivíduo para reflexão e debate, pois o apresentado parece ser suficiente para validar a narrativa proposta.

O excesso de evidências contribui para um estado passivo por parte do sujeito, tornando a autonomia no uso da informação dependente de uma reconfiguração tanto da postura crítica individual quanto coletiva. Esse problema é agravado pela falta de uma cultura educacional que promova a autonomia, especialmente diante da entrada abrupta em um ambiente hiperconectado e saturado de informações.

O segundo elemento complicador identificado é o excesso de confiança. Nesse caso, a confiança na autoridade de quem fala torna-se difícil de ser contestada. Embora esse não seja um fenômeno novo, uma vez que

a confiança sempre foi essencial para a sobrevivência, sendo a base da comunicação entre os indivíduos, é preciso reconhecer que sem ela a sociedade não teria conseguido enfrentar os desafios impostos pelo clima, pelo ambiente e pela organização social.

Mais uma vez, a atenção se volta para a concepção de verdade *emunah* e para um desafio adicional: a multiplicidade de autoridades de fala. Com a internet, a produção e o compartilhamento de informações tornaram-se acessíveis a um grande número de pessoas, independentemente de sua autoridade socialmente reconhecida por meio de títulos, cargos ou habilidades. A confiança no que é apresentado pelo outro, sem um exame crítico, amplifica as chances de disseminação da desinformação, e é neste ponto que os elementos subjetivos devem ser considerados nas tentativas de combate a esse fenômeno.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. *Information Literacy Competency Standards for Higher Education*. Chicago: ALA, 2020. Disponível em: <https://alair.ala.org/server/api/core/bitstreams/ce62c38e-971a-4a98-a424-7c0d1fe94d34/content>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; BRISOLA, A. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 7-16, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/31114>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- CAMARGO, G. A. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 93-112, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/tragica/article/view/24137>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- DUDZIAK, E. A. Os faróis da sociedade da informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/1704>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- FALLIS, D. T. What is disinformation? *Library Trends*, Baltimore, v. 63, n. 3, 401-426, Apr. 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/579342>. Acesso em: 29 nov. 2024.

GOMES, H. F. Protagonismo social e mediação da informação. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21728/logcion.2019v5n2.p10-21>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 29 nov. 2024.

HARARI, Y. N. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

MOURA, A. R. P.; FURTADO, R. L.; BELLUZZO, R. C. B. Desinformação e competência em informação: discussões e possibilidades na Arquivologia. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 6, n. 1, p. 37-57, maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.28998/cirev.%25y637-57>. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/7063>. Acesso: 29 nov. 2024.

NIETZSCHE, F. W. *Fragments posthumes: automne 1887 – mars 1888*. Paris: Galimard, 1888. (Oeuvres Philosophiques Complètes, 13).

OLIVEIRA, M. L. P. *Competência crítica em informação e fake news: das metodologias de fact-checking à auditabilidade do sujeito comum*. 2020. 194 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disordertoward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 29 nov. 2024.